

Blumenau

em Cadernos

Tomo VIII

N^o. 2

HOTEL REX

— O MÁXIMO EM COMODIDADE E CORTEZIA —



100 APARTAMENTOS DOTADOS
DE TODO CONFÔRTO

Rua 7 de Setembro, 64

BLUMENAU

SANTA CATARINA

BLUMENAU em CADERNOS

TOMO VIII



Nº. 2

PELO MUNDO DO CRISTAL

Nise Heimburg

Estamos no vale do Itajaí Açu, mais precisamente na cidade encantadora de Blumenau, onde o verde nos circunda como um insistente brado de esperança e as águas modorrentas do rio nos incutem uma palidez benéfica. Nossa meta é a Fábrica de Cristais Hering. Ingressamos nela com a curiosidade de quem penetra nos mistérios de um paraíso encantado. Nossos olhos se maravilham diante da presteza das mãos que se agitam em gestos tão automáticos como os de um ballet mecânico. Instintivamente recuamos ao passado, fazendo um giro retrospectivo pelas paragens da antiga civilização.

O vidro como se sabe é uma associação de areia pura com bicarbonato de sódio. Deparamos com restos de pérolas de vidros e recipientes vidrados na zona fértil onde o rio Nilo se estende, cobrindo de dádivas a terra egípcia. Não conheciam ainda os egípcios o método do sôpro e só atingiam a coloração através de dificultosos e obsoletos meios. Os fenícios com seu espírito comerciante, ciganos do alto-mar, em suas excursões aprenderam técnicas, bem como as transmitiram e está aí comprovando-o o caso típico do vidro chinês. O Império romano brilha, a águia-símbolo exulta, num vôo vertiginoso os conquistadores ampliaram infinitamente seus domínios e é nesta época de apogeu que dá-se a descoberta do soprador. Mas, a ave cai abatida, é o pêso da decadência que lhe verga as asas; vem então uma estagnação natural no que concerne às técnicas de aperfeiçoamento do vidro. Escondido na exuberância, das florestas, obedecendo as regras mágicas da alquimia, ainda envolta na bruma de um segredo desconhecido, surge o vidro franco e a seguir o Islão cria novos processos, enquanto que no vale da

Mesopotâmia, ladeado pela beleza do Tigre e do Eufrates há uma preocupação de imitar o método romano. Chega a vez do vidro veneziano, que se destaca pela finura e transparência e denomina-se "cristallo", já os alemães utilizam o esmalte e o apogeu se dá na época do vidro barroco, quando a habilidade de Kunkell, em Potsdam, descobre como tornar vermelho o vidro, usando para tal fim o colorato de ouro, também denominado de "Púrpura de Cássio".

Agora é o presente que se nos depara, ficamos perplexos notando como a técnica que veio se aperfeiçoando através de lentos escalões, de repente desponta em menos de 10 anos, como torrente magnífica na simplicidade do Vale.

Bonita é uma taça de cristal, tantas vezes unida num tilintar de brinde que simboliza o entrelaçamento singelo de duas almas; muito mais belo é o labor do homem, todo colorido de nuances artísticas. Cada operário contribui com uma pequena parcela que integrará a perfeição de um todo. A Taça de cristal acabada é um espetáculo de beleza, mas o esforço da imaginação criadora de um ser humano aliado à atividade incessante de suas mãos laboriosas é algo de indescritível.

Também a natureza que se desnuda diante de nós, aparece pronta; desconhecemos os processos absolutos da mão divina que a estruturou. Quantas vezes olhos insensíveis fitam com descaso cenas já consideradas caducas? É uma comparação; quando nas mãos temos o objeto pronto não podemos avaliar de forma alguma por todos os processos porque passou a massa incandescente até transformar-se na sonoridade de um cristal. E o artista trabalha, dia após dia, o anonimato não o derrota, êle deixa-se embalar por êle, suas mãos dançam e o ballet torna-se rotineiro, mas a dança é encantadora para quem a presencia assim de fora, como mero espectador.

Cada homem dêstes, traz a sua modesta história, uma bagagem simples; provém em geral da zona rural, ingressa no «métier» com aquêlê descaso e despreocupação com que um aventureiro se lança a uma façanha de mil e uma noites e de repente eis que surge um nôvo artesão, eis que mais um par de mãos se ergue para dar origem a outros objetos de arte.

E a cidade assume proporções gigantescas, retumba seu nome com a divulgação dada pela exportação. As mãos continuam seu labor e a fábrica desperta cada dia para a aurora de novas criações.

Zona Geoeconômica da Bacia do Itajaí

III - INDAIAL

LIGEIRO HISTÓRICO — A cidade de Indaial situa-se na confluência do rio Benedito com o Itajaí Açú, cêrca de 30 quilômetros acima da cidade de Blumenau. O povoamento do território do município foi se verificando á proporção que o Dr. Hermann Blumenau foi estendendo, para leste, a medição e ocupação dos lotes da Colônia que fundara em 1850, com imigrantes alemães, e depois de ter o mesmo território sido explorado pelo próprio dr. Blumenau, por Augusto Wunderwald e Emílio Odebrecht, engenheiros auxiliares da administração, o primeiro da Colônia Dona Francisca e o segundo da de Blumenau. Em 1866 grande parte da superfície do município já se encontrava povoada, com a sede da povoação demarcada á margem esquerda da foz do Benedito.

Por volta de 1865, elementos vindos do litoral, de origem lusa, ocuparam terrenos á margem esquerda do Itajaí, fundando ali o povoado de Rio Morto. Ao contrário das previsões da direção da Colônia Blumenau, a povoação de Indaial, que deveria ser localizada nos lotes para tal fim demarcados na Barra do Benedito, local denominado Carijós, foi se desenvolvendo em frente á essa barra, á margem direita do Itajaí.

O seu nome origina-se da palmeira Indaiaí ("Pindarea Faustosa") que era relativamente abundante na região.

Seis anos depois da criação, pela lei estadual de 4 de fevereiro de 1880, do Município de Blumenau, a que, praticamente, tôda a Bacia do Itajaí ficou pertencendo, Indaial foi elevado á categoria de distrito de paz pela lei provincial 116, de 4 de outubro de 1886, sendo o 3.º na divisão administrativa do município.

Em 1893, por motivos da politicagem desentreada originada pela desordem então reinante nos estados do sul, Indaial foi desmembrado do Município de Blumenau e, em virtude da lei 189, de 29 de maio, passou a constituir município autônomo. Foi instalado e sua câmara nomeada. Depois, entretanto, de algumas semanas de funcionamento, voltou, em 1894, ás suas anteriores condições de distrito nas quais permaneceu até 28 de fevereiro de 1934, quando lhe foram outorgadas, por lei estadual, as prerrogativas de município, instalado a 21 de março, seguinte, com dois outros distritos: Apiúna e Ascurra.

A sede municipal situa-se a 26° 53' 30" Lat. Sul e 49° 13,55" Long. W. de Greenwich, com uma altitude média de 73 m. sôbre o nível do mar.

Alguns dados geográficos: O território do município é banhado pelo Itajaí Açú e por alguns de seus afluentes, como o Subida, o Ilse, o Warnow, o Encano, à margem direita e o Benedito, à esquerda.

A superfície municipal é de 983 Km². A sua população é de cêrca de 30.000, dos quais 5.000 na sede (perímetro urbano).

Tendo, em 1963, sido elevado a município o distrito de Ascurra, Indaial passou ter a apenas dois distritos: o da sede e o de Apiúna.

O município limita-se: Ao norte, com os municípios de Rodeio, Timbó e Pomerode; ao sul com os de Vidal Ramos e Presidente Nereu; ao Oeste

com os de Ascurra, Ibirama e Lontras e, a leste, com os de Blumenau e Brusque.

Comarca: Indaial foi elevado à categoria de Comarca de 2ª entrância a 15 de abril de 1934, com jurisdição sobre os municípios de Indaial, Rodeio, Ascurra e Benedito Novo. Seu primeiro Juiz foi o dr. Severino Nicomedes Alves Pedrosa, que, depois de 9 anos de exercício, foi substituído pelo Dr. Manuel Barbosa de Lacerda. Este, também após 9 anos de exercício teve como substituto o Dr. Osmundo Vieira Dutra, por 5 anos, e atualmente, exerce as funções de juiz o Dr. Sálvio Cunha.

O número de eleitores no município ascende a mais de 7.000.

A sede municipal, se bem que pequena, apresenta lindo aspecto, com ruas largas e limpas, com belos prédios, um aprazível jardim, casas de negócio bem sortidas, bastante movimento. É passagem obrigatória de passageiros e cargas para a região serrana, sendo, por isso, a principal estrada que corta o município bastante movimentada. Acha-se em vias de acabamento a estrada asfaltada que, de Itajaí segue para Lajes e que também passa na cidade de Indaial, estando já o trecho entre esta cidade e Blumenau completamente pronto e em tráfego.

Existem, no município, 4 000 prédios residenciais, uma estação agrônômica, com um médico veterinário, 10 associações desportivas e recreativas, 1 cinema, uma Biblioteca Pública Municipal "Cruz e Sousa", com 3.000 volumes e mais de 800 revistas e folhetos, 6 oficinas mecânicas de consertos de automóveis, duas de consertos de aparelhos elétricos, 7 cartórios, 2 delegacias de polícia (Indaial e Apiuna); dois Postos de Saúde, 2 hospitais (um mantido pela Sociedade Beneficente "Beatriz Ramos" e outro de propriedade particular do dr. Roberto Timar Kechele).

Existem ainda no município:

3 médicos: Drs: Heinz Wamser, Heinz Schuetz e Roberto T. Kechele; 4 dentistas; 6 drogarias, farmácias e casas de material cirúrgico; 16 farmacêuticos e pessoal auxiliar de saúde; 5 Laboratórios de análises clínicas, 7 hotéis, 138 estabelecimentos industriais; 75 casas varejistas; 3 atacadistas e uma estação Rádio difusora, o "Rádio Clube de Indaial" Z Y T - 23 em 1.270 Kcs., que foi inaugurada em 18 de setembro de 1954.

VIDA RELIGIOSA: A população se divide em adetos da religião católica e da evangélica em sua maior parte. O município está dividido em duas paróquias: a de SANTA INÊS, com sede na cidade, contando com 8.200 católicos, uma matriz, 8 capelas públicas, e duas semi-públicas. O vigário da paróquia é da Ordem dos Frades Franciscanos: Frei Meinolfo Ellers, com um coadjutor; a outra, a paróquia de SANT'ANA, tem sede no distrito de Apiúna e conta com 4 capelas públicas e 4 semi-públicas. É seu vigário o Padre Francisco Biermann, da Sociedade do Verbo Divino.

Protestantismo: Os protestantes formam uma comunidade, com sede na cidade de Indaial, contando com um belo e espaçoso templo. É seu Pastor o Reverendo Fritz Fuchshuber. A Comunidade Evangélica Lutherana foi fundada em 1883, e tem jurisdição sobre outros cinco templos situados na zona rural.

O Município começou a ter os benefícios da luz e energia elétricas em 1922, quando ainda sob a jurisdição de Blumenau.

O belo edifício da SOCIEDADE RECREATIVA INDAIAL, situado num paradisíaco recanto à margem do Itajaí Açu, pode ser considerado o cartão-de-visita da cidade. Em seu aprazível bosque, mais conhecido por "Matinho do Clube" reúnem-se seguidamente os sócios para o costumeiro ba-

te-papo, churrascos, aniversários, festas de batizados, etc. Essa Sociedade mantém um Departamento de Música, com cursos de piano, violino e violão, ministrados por professores do Conservatório «Curt Hering», de Blumenau. A seção desportiva conta com jogos de basquete, bolão, futebol de salão, tênis de mesa, tiro ao alvo, xadrez, etc., além de amplo salão para danças. A Sociedade foi fundada em 1875.

A Produção do município é das mais variadas e valiosas: na indústria extrativa, destacam-se: lenha, toras, painas, carvão vegetal, couros, areia, pedras para pavimentação de ruas e estradas, pedras de amolar, taquaras para balaios, capins para colchões, cipós para cordas, fibras vegetais, cascas (capororoca e capiúva), madeiras de várias espécies, orquídeas, palhas, palmitos, xaxim para vasos etc. Na indústria animal: carnes em conserva, mel de abelhas, peixes, penas de aves, banha, charque, chouriço, paio, costelas, lã em bruto, leite, queijos, manteiga, mortadelas, ovos, sêbo, sola, toucinho defumado etc.

Além desses produtos, fabricam-se no município: máquinas para malharia, tecidos de malha, máquinas agrícolas, fécula, sagu, araruta, refrigerantes, conservas de frutas e verduras, doce de frutas, farinha de mandioca, fumo em corda, artefatos de mármore, sapatos, cigarrilhas e charutos e há vários engenhos de beneficiamento de arroz.

Entre as indústrias, destacam-se como as principais. Tecelagem e Malharia Indaial, S/A; Indústria Têxtil Companhia Hering (Encano); Indústria de Fécula Companhia Lorenz; Frederico Hardt, S/A.; Carlos Schroeder S/A.; Têxtil Ladwig S/A.; Malharia Tapajoz, Ltda.; Tricotagem Dunker; Marmoraria Indaial Ltda.; Cervejaria Indaial Ltda, Metalurgica Henrique Wanke; Oficina Ideal; Malharia Cisne Ltda. etc.

Vias de Comunicação — Indaial está em contacto diário com os principais centros populacionais do Estado e dos estados vizinhos por meio de várias linhas de ônibus e da Estrada de Ferro Santa Catarina. Esta última, vindo de Itajaí, com destino a Trombudo Central, atravessa o município em toda a sua extensão leste-oeste, com 5 estações em seu território. As principais linhas de ônibus põem Indaial em ligação diária com: Lajes, Rio do Sul, Pôrto Alegre, Presidente Getúlio, Ibirama, Rodeio, Timbó, Blumenau, Curitiba, Pomerode, Jaraguá do Sul, Joinville, Benedito Novo, Arrozeira, Itajaí, Camboriú, Florianópolis etc.

Distância entre Indaial e os principais centros - Apiuna, 27 km.; Blumenau, 24; Brusque, 67; Campos Novos, 405; Concórdia, 545; Curitiba, 225; Caçador, 362; Caxias do Sul, 440; Curitiba, 265; Florianópolis, 182; Itajaí, 80; Ibirama, 58; Joaçaba, 460; Jaraguá do Sul, 73, Joinville, 120; Lajes, 218; Pôrto Alegre, 560; Rio do Sul, 80; Rio de Janeiro, 1215; São Paulo 760; São Francisco, 164; Trombudo Central, 104; Vacaria, 320; Rodeio, 26; Timbó, 7 Km.

O município conta com 367 quilômetros de estradas de rodagem, sob administração municipal. Existem 511 veículos motorizados e 5.000 bicicletas.

Educação e Ensino — O Município conta com 2 jardins de infância, com 80 alunos; 13 escolas primárias municipais com 510 alunos matriculados; 3 Grupos Escolares Estaduais, 4 escolas reunidas; 2 Cursos Normal Regional, 1 Ginásio Normal e 27 escolas isoladas, com uma matrícula de 2.510 alunos.

A Associação Indaialense de Ensino mantém o "Ginásio Indaial" com 220 alunos.

Uma das próximas edições de «Blumenau em Cadernos» será reservada para a publicação de todos os atos oficiais relacionados com a criação e funcionamento da administração do Município de Indaial, durante o período revolucionário de 1893, nomes dos que dele tomaram parte, atos praticados etc, até a sua dissolução e conseqüente retôrno, em 1896, ao Município de Blumenau. São documentos inéditos e informações interessantes, de grande significado para os estudiosos da história de Indaial.

Relação dos prefeitos que até agora governaram o Município de Indaial.

- 1.º) Leopoldo Hoeschl — Intendente — 1893
- 2.º) Erich Kleine — 21/3/1934 — 12/4/1936
- 3.º) Frederico Hardt — 13/4/1936 — 12/6/1941
- 4.º) João Maria de Araújo — 13/6/1941 — 20/11/1944
- 5.º) Germano Brandes Júnior — 21/11/1944 — 15/11/1945
- 6.º) Dr. Clodorico Moreira — 16/11/45 — 13/2/46
- 7.º) Alfredo Blaese — 14/2/1946 — 17/11/1946
- 8.º) Marcos Rauh — 18/11/1946 — 9/5/1947
- 9.º) Aroldo Neves — 10/5/1947 — 16/12/1947
- 10.º) Germano Brandes Júnior — 17/12/1947 — 30/11/1951
- 11.º) Marcos Rauh — 31/11/1951 — 30/11/1956
- 12.º) Germano Brandes Júnior — 31/1/1956 — 31/1/1961
- 13.º) Altredo H. Hardt — 31/1/1961 — 31/1/1966
- 14.º) João Hennings — 31/1/1966



Um aspecto do centro urbano da Cidade de Indaial

Alguns Detalhes Interessantes Sôbre As Memórias De Um Colono Alemão

Carlos FICKER

As memórias do colono Matias Schmitz, publicadas em o número 12 do Tomo VII de "Blumenau em Cadernos", narram a verdadeira epopéia vivida por um grupo de colonos alemães, abandonados no Rio, na mais completa miséria. Na sua obra «Reise durch Sued-Brasilien» Leipzig. Brockhaus, 1859, vol. 2 p. 140) o médico Dr. Robert Avé-Lallemant conta-nos como socorreu, em dezembro de 1846, os mesmos imigrantes, entre êles o colono Matias Schmitz, seus pais e irmãos.

Um estudo mais profundo do assunto, com exame minucioso dos documentos da época, revelou detalhes interessantes sôbre as personalidades mencionadas nas «memórias» do colono Schmidt e, também das pessoas referidas na obra de Avé-Lallemant.

Eis o capítulo sôbre os colonos abandonados e quase mortos de moléstias e de fome, no Rio de Janeiro, e, onze anos depois, bem situados e satisfeitos, na Colônia Santa Izabel.

“ Em dezembro de 1846 chegaram ao Rio de Janeiro, no navio “Eridano”, 78 imigrantes alemães. Ninguém os chamara, ninguém sabia o que fazer com êles; estavam sós e abandonados na praia e ficariam sem abrigo, se não lhes tivessem concedido o miserável telheiro onde se deposita a lenha dos barcos a vapor que viajam de duas em duas horas para a Praia Grande.

“ Lá vi a gente na sua aflicção; alguns estavam doentes; fiz por êles o que pude; tive até de assistir a uma senhora que ali deu à luz em plena rua.

“ Precisaram, porém do barracão da lenha. E então a gente teve de ficar 48 horas na Praça do Palácio, ao relento, sofrendo terrível tempestade de dezembro, e teria ficado sem abrigo, se não a socorressem os moradores, principalmente o dono do Hotel Pharoux. Depois de 11 dias de triste estada, foram em sua maioria levados num navio de guerra brasileiro para as províncias do sul e não ouvi mais falar nêles.

“ Em 3 de julho de 1858 desci o Rio dos Bugres e cheguei a uma casa bem construída, diante da qual estava um homem. Devia entregar-lhe uma carta do Presidente da Província e entrei na casa.

“ Ali dançavam diante de um realejo alguns rapazes e moças, todos contentes como se fôsem a uma romaria. Scheid, o dono da casa, de Donnersberg, na Baviera renana, sentou-se e falou-me da colônia alemã de Santa Isabel, em cujo centro me achava. Logo que começou a contar-me seu destino no Brasil, ressurgiram-me diante dos olhos os imigrantes do “Eridano” do ano do 1846. Scheid e sua família estavam entre êles; estivera doente naquele barracão de lenha e provavelmente eu o tratara.

“ Tornou-se então a colônia Santa Isabel duplamente interessante para mim! Impacientava-me ter de esperar pela manhã seguinte para ver de perto a terra e a gente.

“ Os imigrantes do “Eridano” foram trazidos para Sta. Catarina

no principio de 1847, quando se começava no Rio dos Bugres a fundação de uma colônia que recebeu o nome da jovem princesa dona Isabel. Venceram uma grande esforço as primeiras dificuldades encontradas em terra estranha com uma agricultura que não lhes era familiar e desde então vivem como gente feliz e abastada. Aliás Scheid tornou-se muito abastado. Possui 1.200 jeiras de terra, 19 burros, muitas vacas de leite e boa residência, ainda não concluída, para onde está mudando seu bom moinho. Em volta d'êles medram seis filhos vigorosos e saudios. Os mais velhos auxiliam o pai. Vive também com êle a velha mãe, de 79 anos, mulher de vigor realmente incompreensível; trabalha no campo, nas altas encostas e aos sábados dança a valsa com as rijas netas tão bem como quando estava, há sessenta anos atrás, em Donnersberg. Assim, pois, em apenas onze anos, o bom Deus levou aqui à prosperidade e à abastança material um grupo de homens que em 1846, no Rio de Janeiro, só com profunda melancolia podiam ser contemplados.

“ Na manhã seguinte dei, com Scheid, um passeio a cavallo. O vale do Rio dos Bugres tem belos e selváticos encantos. Altos montes se elevam em volta do ruidoso riacho, a cujas margens, de ambos os lados, sobem e se estendem as colonias individuais. Ainda oferecem o aspecto de culturas apenas começadas. Ainda se vêem troncos de árvores meio carbonizados, pois um decênio não as apodrece; ainda se vêem tocos com raizes, apenas afastados; o quadro ainda não é limpo e agradável ao gosto europeu, mas vigoroso, sólido, próspero para aqueles que conhecem a luta contra a selva. Imediatamente me vieram ao pensamento meus honrados São Leopoldenses no alto da serra, nas últimas picadas; em Santa Isabel vi os companheiros de luta dos Rio-Grandenses e, como no Rio dos Sinos, amadurecendo os mesmos frutos da luta e da vitória.

“ Falamos com diversos colonos. Todos visivelmente alegres; não encontrei um só que não se sentisse perfeitamente satisfeito na terra estranha. Além disso fervilhavam crianças em tôda parte. E' um lindo grupo de travessos, todos de boa aparência, nas manhãs de domingo, quando as mães lhes lavam o rosto e, com algum esforço, fazem duas tranças nos cabelos das meninas. Decerto a augusta princesa Dona Isabel não sabe que na longínqua colônia do Rio dos Bugres, que tem o seu nome, as crianças não têm um mestre-escola, com quem possam aprender a palavra de Deus e a ler, escrever e contar e também nenhum sacerdote na vizinhança, que celebre o serviço divino aos domingos. Há uma capela pequena e simples. O número de habitantes deve elevar-se de 500 a 600. Formam 71 famílias, que dividem evangélicos e católicos em partes mais ou menos iguais.

“ Chamou atenção o meu aparecimento na colônia. Muitas pessoas conheciam o meu nome e não compreendiam que eu fôsse ao Rio dos Bugres e o que eu queria lá. Antes de tudo gostaria de cuidar, com tôdas as minhas forças, do futuro bem-estar dos imigrantes; auxilia-los. Nessa gente aparentemente tão pobre e débil, existe uma tor a gigantesca em que o jóvem Império ganha juventude e poder e que pode aumentar em incalculável progresso.

“ Agora sabia o que era feito dos imigrantes do “Eridano” no ano de 1846 e dos outros que chegaram ao mesmo tempo e na mesma miséria”.

Até aqui o trecho, em tradução, do livro de Avé-Lallemant, que se refere aos colonos do “Eridano”.

Mas não foram somente os passageiros do Brigue «Eridano» que passaram sofrimentos incriveis à bordo do veleiro e, posteriormente, numa praia do Rio de Janeiro. Chegaram ao mesmo tempo 3 navios imigratórios, expedidos do pôrto de Dunquerque pela agentura Delrue & Cie. o Brigue Sardo (e não francês) «Eridano» e a Galera Americana «Ariosta», e a Barca Belga «Marie Rey» com um total de 336 passageiros, de acôrdo com os manifestos marítimos da época.

Conforme o «Aviso da Secretaria d'Estado dos Negócios do Império» expedido pelo Oficial Maior Sr. Bento Francisco da Costa Aguiar de Andrade, a 17 de dezembro, seguiram pelo Bergantim Nacional «Venus» a 2 de janeiro de 1847, 120 colonos para Santa Catarina, chegando no dia 8 de janeiro no Destêrro, conforme cópia da relação dos «Colonos Allemaens» consignada ao Exmo Sr. Secretário do Govêrno, João Francisco de Souza Coutinho.

Exatamente nesta lista dos primeiros colonos chegados ao Desterro consta, sob os números 66-70, a família do nosso Matias Schmidt (ou Schmitz) a saber: Pedro Schmidt, lavrador, idade 46 anos; Maria Schmidt, sua espôsa com 48 anos; *Mathias Schmidt, com 20 anos*, João Schmidt, com 16 e Pedro Schmidt também com 16 anos, evidentemente gêmeos. Fóra de qualquer dúvida que se trata da família de Mathias Schmitz, considerando a sua idade de 20 anos, confirmada nas suas «memórias».

E ainda mais . . . pelo Aviso da Secretaria do Estado dos Negócios do Império, de 2 de Janeiro de 1847, seguiram a bordo do Patacho Nacional «Affonso Primeiro» mais 103 passageiros, ; pelo Aviso de 5 de janeiro, mais 83 e pelo Aviso de 24 de fevereiro os últimos colonos da leva de imigrantes para o Destêrro, embarcados na Sumaca «Quatorze de Novembro» e na Corveta «Bertioga», respetivamente.

Pela Sumarca «Quatorze de Novembro» chegaram à Santa Catarina os membros da família do Johann Phillip Scheid, sua mulher Margaretha e 4 filhos, que, em 1858, foram encontrados pelo médico Roberto Avé-Lallemant, na Colônia Santa Izabel.

Os Schmidt, Scheid e tantos outros imigrantes alemães fundaram as Colônias Santa Isabel e Armação de Piedade - isso, portanto, é um nôvo capítulo da História da Colonização Alemã de Sta. Catarina.



Os primeiros oficiais da Guarda Nacional nomeados para Blumenau em 1891 foram: Coronel de Brigada, Dr. José Bonifácio da Cunha; Capitães do Estado Maior: Pedro Feddersen, Otto Stutzer, Henrique Rischbieter, Agostinho Pereira e Tenente-coronéis Henrique Clasen, H. Probst, Augusto Kuenecke, Cunha Silveira e Majores; H. F. Schmidt, Luiz Altenburg e Fr. Donner.

BLUMENAU — Campo de Flôres

Claus Ditter Scheltzke

Blumenau não é a minha cidade natal. Mas, amo-a como tal pelos anos que aqui já vivi. Apesar de estar longe por vêzes, sempre ao regressar sinto a alegria de voltar ao lugar mais querido e ao qual tanto me afeiçoei.

As ruas, os rios, as montanhas e os vales, as lindas campinas, a tudo isto o meu coração está prêso. Quero bem a êste povo tão amigo, laborioso e sincero que a todos recebe de braços abertos.

O progresso e o movimento mostram a evolução em que esta cidade se encontra e os passos largos que continuamente dá levá-la-ão ás glórias de um porvir grandioso.

Mas, será que sempre foi assim? Será que, estas mesmas casas sempre existiram e tudo o mais a que estamos tão habituados?

Não. houve o dia da fundação, por um pequeno grupo, audaz e destemido, que no dia 2 de setembro, há muitos anos, lançou aqui a semente desta linda cidade. Houve períodos de luta com a natureza agreste e selvagem. Epidemias aqui grassaram e a morte fêz as suas vítimas. A falta de recursos, de homens e dinheiro a querer interditar a marcha dêste pequeno centro colonizador, sem, no entanto, o conseguir. A semente aqui lançada, não secou: Enraizou-se profundamente e, pouco a pouco, cresceu, atravessando corajosamente os espinhos que a rodeavam. Hoje está aí, uma flôr aberta a adornar êste lindo vale do Itajaí-Açu.

O período mais difícil foi o dos primeiros imigrantes, sós e sem comunicações. Traziam entretanto, em seus corações, melodias da antiga pátria, melodias ternas e bonitas que nas horas de saudade, suavemente entoavam. Quando o sol desaparecia no poente e a estrêla vespertina fulgurava no céu, ouvia-se-as de longe em longe a ecoar por todo o vale, tristonhas ou alegres, algumas das tão conhecidas canções germânicas. Lindas canções, que atravéz do tempo as conservaram e, ainda hoje se ouvem por imigrantes mais rescentes ou pelos descendentes dos mais antigos, entoados como outrora.

Assim, radicados entre o rio e as matas, êles iam gradativamente melhorando as suas condições de vida. A cada novo dia que raiava, sorriam satisfeitos e agradeciam a Deus. De

noite sonhavam com o novo dia, que muitos dêles não mais conseguiram ver nascer. Pelas matas, no silêncio da noite, o ódio dos índios velava. Sentiam-se roubados da terra onde haviam nascido. Planejavam vingança: exterminar o intruso.

Traizceiramente mortos, muitos imigrantes descansam nestas terras, que escolheram para sua nova pátria. Com êles descansam seus sonhos, suas aspirações, seus ideais.

Olhando para trás, nos interessamos por um ou outro mais, rejubilamo-nos com algum grande feito, admiramos o destemor daquêles homens, sua constância no trabalho, seu ardor e sua confiança no futuro.

Descansam os pioneiros, mas vivem seus filhos, seus netos, continuando a obra por êles iniciada, operários, agricultores, homens do comércio, industriários, médicos ou professôres, todos êles contribuindo com sua parcela para o engrandecimento de nossa BLUMENAU.

Hoje, rendendo-lhes nossa homenagem, façamos a promessa de nos esforçar pelo bem comum, pugnar contra a pobreza, conservar e aumentar a nossa cultura, derrotar o analfabetismo e muita coisa estará feita.

Façamos com que esta cidade traduza realmente o que seu nome exprime: CAMPO DE FLORES e quando o tempo pratear nossos cabelos e as nossas mãos estiverem cansadas de lutar, possamos nos voltar e, contemplando nossa obra, dizer:

Também eu contribuí na construção dêste pequeno paraíso, dentro do imenso JARDIM DO PAI CELESTE!



○ “Blumenau Zeitung”, de 10 janeiro de 1891 publicava a seguinte nota, com data de 28 de dezembro de 1890: RAMIE — No mês de outubro, em presença de diversas autoridades e representantes da indústria, etc. o cidadão Gustavo Hermann Roeder fêz funcionar uma máquina de sua invenção, para desfibramento da ramie. Apesar do resultado ter sido muito satisfatório, o inventor fêz ainda alguns melhoramentos que aplicou, de forma a ser a máquina agora completa. Perante os doutores Luiz Gualberto, de São Francisco, Euphrásio Cunha, de Campinas e José Bonifácio da Cunha, presidente da Intendência, o sr. Roeder fêz funcionar a sua máquina pela segunda vêz. O sucesso foi extraordinário. A máquina trabalha mais do dobro do que qualquer outra até hoje conhecida e lavra mais de 4.000 pés de ramie, verdes ou secos, por hora, sem uso de água. Tem a vantagem de ser muito simples e, por consequência não está sujeita a constantes reparos. A dificuldade de extração das fibras de ramie, que impediu seu emprêgo em grande escala na indústria, não existe mais. A máquina do sistema Roeder resolve o problema a contento”.

REBATENDO INJÚRIAS

Tanto mais quanto procuramos nos aprofundar no estudo dos homens e dos fatos relativos aos começos da existência da Colônia Blumenau, quanto maior se nos afigura a injustiça que cometem aquêles que atribuem aos pioneiros da colonização do Vale do Itajaí, propósitos de lançar, desta banda do Atlântico, as bases de uma «Alemanha Antártica», um núcleo impermeável ao espírito de brasilidade, intolerantemente agarrado aos princípios do «Deutschum», alimentando fins altamente politicos para um futuro mais ou menos remoto

Assistam, ou não assistam, razões áqueles que, violentamente, pretendem transformar o estado de cousas que, por culpa dos próprios governantes do País, ali se criou e veio até nossos dias, é assunto que não procuraremos discutir, pois tanto não é o propósito das crônicas desprentenciosas que vimos publicando.

Se os inimigos da colonização alemã, e aquêles que aos altos e verdadeiros interesses do Brasil sobrepõem um nacionalismo doentio, um jacobinismo criminoso porque freia os anseios de progresso, de engrandecimento material e moral da Nação; se êsses homens conhecessem os propósitos que animaram o Doutor Blumenau e seus colaboradores, ao fundarem a colônia que do primeiro herdou o nome glorioso, certamente se envergonhariam de chamar o resultado de seus esforços inauditos de «quisto racial», um «perigo alemão» e sabe Deus quantas outras definições destituídas de senso e de verdade.

Orgulhar-se-iam, antes, de terem aberto os braços a estrangeiros tão dignos e tão patriotas que não vieram, apenas, auxiliar-nos a fazer do Brasil um país economicamente forte; que vieram, também, ajudar-nos a defendê-lo na sua honra e na sua dignidade; concorrer com o seu braço e a sua inteligência para um Brasil material e espiritualmente grande.

Para atestar esse fato, aí estão os menores atos da vida atribulada do fundador, que ao referir se á Alemanha nas suas cartas e relatorios, fazia-o como «á sua antiga Patria»; aí estão os colonos que, voluntaria e alegremente, acorreram aos campos do Paraguai em defesa dos brios e da dignidade do Brasil; aí está a memorável campanha republicana, em que Blumenau se empenhou, até mesmo de armas nas mãos; aí estão os atestados do mais sadio e franco patriotismo, de verdadeiro espirito de brasilidade, dados pelos seus homens públicos em todas as etapas da existência da Colônia e do Município.

E aí está, também, aquêlê significativo movimento de revolta, de protesto, que levantou dirigentes e colonos, entre 1860 a 70, não apenas de Blumenau, mas das demais colônias de alemães no Brasil, contra o próprio governo alemão que, orientado por J. J. Sturtz, nosso consul em Hamburgo, criou tôda sorte de dificuldades á emigração para o nosso País, estribado em informações falsas e grandemente ofensivas á nossa dignidade.

J. J. Sturtz foi, por muitos anos, representante brasileiro na Alemanha. Conforme se sabe, foi êle um dos que animaram o Doutor Hermann

Blumenau a embarcar para o Brasil e, aqui, pôr em prática os seus planos de colonização.

Espirito versátil e ambicioso, entretanto, Sturtz pouco tempo depois, entrava para o serviço de outros governos.

E com o mesmo entusiasmo e os mesmos exageros com que, anteriormente, pintara as excelências da terra brasileira, procurava agora denegri-la, aconselhando o governo alemão, por intermédio de membros do Parlamento, a não permitir o embarque de emigrantes para este País. Chegava mesmo a visitar os navios prestes a partir do porto de Hamburgo, aconselhando um por um dos emigrantes a afugentar de si qualquer idéia de vir para o império sul-americano.

E para fazer nos mal, inventava as mais tôrpes mentiras, caluniava-nos grosseiramente. Dizia, por exemplo, que o Brasil era constituído de pequenos feudos, governados por barões de escravos, um país de negros e de mal educados. No número 87, de 12 de abril de 1868, o «Vossische Zeitung», jornal alemão, noticiando a partida de mais três navios com emigrantes, de Hamburgo para Blumenau e Dona Francisca, pergunta: «Será que a Prússia há de suportar ainda por muito tempo a venda de escravos alemães ao Brasil?»

Isso levantou uma onda de justa repulsa dos colonos de Blumenau, de Dona Francisca e de outras colônias. E em nome desses colonos o Dr. Blumenau veio á luta pela imprensa:

«Não sabemos se a expressão «escravos alemães» dirigida aos emigrantes daqueles três navios, se refere ás condições deles na Alemanha. Sabemos, apenas, que muitos dos passageiros destinados á Colonia Blumenau vêm a chamado de parentes e amigos que aqui se sentem como homens livres e que desejam essa condição também para esses mesmos amigos e parentes.

«Cremos, porém, que ele quer dizer que «os alemães que emigram para o Brasil, alí se tornam escravos».

«Nós, habitantes da Colônia Blumenau, achamos que é tempo de se fazer enérgico protesto contra essa e semelhantes calúnias à nossa nova pátria.

«Vivemos aqui há muitos anos; ha mais de 10, 16 e 18 anos. Habitamos e cultivamos o nosso próprio terreno, ou em casa própria ocupamo-nos de um officio ou profissão.

«Muitos de nós, que na Alemanha viviam em dependência e cotidianas preocupações, aprendemos aqui o significado do que seja viver livre e sem cuidados.

«Vemos, neste clima saudável, os nossos filhos fortes e robustos.

«Muitos de nós se tornaram cidadãos brasileiros e, como tais, tomamos parte nas eleições de Juizes de Paz, da Câmara Municipal, dos deputados que formam a Junta Provincial e assistimos aos Tribunais como jurados.

«Temos, católicos e protestantes, cléricos e padres alemães, como também membros de associações autônomas, que deixaram a pátria por causa da intolerância e que vivem aqui sem ser incomodados.

«Nossos jornais ignoram o que sejam cauções, avisos, apreensões e semelhantes «garantias» de liberdade de imprensa.

«Emfim: vivemos aqui como homens livres, sentimos-nos felizes e agradecemos ao destino que nos encaminhou es passos para cá».

Encontrando éco na imprensa do Rio Grande do Sul, onde o número de imigrantes alemães também ia crescendo, as calúnias de Sturtz eram rebatidas violentamente por Koseritz:

«O snr. Sturtz pode ficar certo de que, se a nossa posição fosse realmente humilhante e de deshonra, como êle a apresenta, teria encontrado quem subscrevesse a sua propaganda; entretanto, ela só tem provocado indignação geral, inclusive dos próprios assinantes do jornal alemão».

E passa a enumerar fatos, provas do quanto o alemão, aquí no Brasil, goza de liberdade e tolerância, mais do que em muitos pontos da Alemanha daquela época. Relaciona as restrições que a constituição e as leis impõem aos acatólicos, proibindo a construção de igrejas de outros crendos com sinais exteriores (torres, cruzeiros, etc.) e afirma: «mas, apesar disso, tôdas as igrejas protestantes têm tórres e o Presidente da Província, colocou a pedra fundamental da Igreja Protestante Brasileira, enquanto que em outras províncias (p. e. em S. Catarina) as igrejas protestantes são construídas com o dinheiro do govêrno».

E termina assim:

«Isto tudo não é ainda liberdade religiosa como o Partido Liberal a quer, mas, por certo, isto não é intolerância e muitos países católicos da Europa, e mesmo da Alemanha, poderiam, neste particular, aprender muita cousa com o Brasil!»



Pomerode, a simpática sede do município do mesmo nome, era conhecida, antigamente, por NOVA WESTFÁLIA. Em 1877, o Padre José Maria Jacobs, vigário de Blumenau, benzeu, de acôrdo com o ritual católico, o cemitério que fica junto à capela de São Ludgero, nessa localidade de Nova Westfália. Essa denominação foi desaparecendo, substituída pela do Rio do Testo, pela qual era conhecida toda a zona banhada pelo rio do mesmo nome.

FIGURAS DO PASSADO

MAX HUMPL

Num preito de jurtiça, temos trazido para as páginas dêstes "Cadernos", dados referentes a personalidades que prestaram assinalados serviços à coletividade e cooperaram, grandemente, no desenvolvimento econômico e moral da comuna blumenauense.

Ainda no número passado, prestamos homenagem a um mestre que foi dos mais eficientes e operosos no setor da instrução particular em Blumenau.

Hoje, honramo-nos em dar acolhida nesta seção a algumas referências à pessoa e à atuação de outro destacado professor primário, músico e pesquisador, cujo nome está intimamente ligado à história do Vale do Itajaí.

Trata-se do professor Max Humpl que, por mais de 25 anos foi professor da Escola de Itoupava-Sêca, tendo deixando uma tradição de honestidade e competência digna de encômios.

Max Humpl nasceu a 29 de janeiro de 1877 em Heiligkreuz, na Baviêra, Alemanha. Feito os seus estudos, diplomou-se professor, exercendo êsse cargo em várias aldeias alemãs. Em 1912, resolveu aceitar o convite que lhe fôra feito para reger uma escola em São Paulo. Veio, então, para o Brasil. Não se adaptando, entretanto, naquele estado, resolveu seguir para Blumenau, chegando a Hamonia, hoje Ibirama, em 19 de dezembro



No dia em que festejou os seus 80 anos de existência, Max Humpl foi alvo de significativa homenagem. Na foto, o aniversariante agradece as manifestações de simpatia de seus amigos e de sua cidade Natal. O Prefeito de Heiligkreuz condecorou o aniversariante e ofereceu-lhe um rico brinde em sinal de gratidão pelos serviços prestados á sua terra.

daquele ano. Ficou hospedado no Hotel Berger. Convidado, no ano seguinte, pelos senhores Pedro Feddersen e Luiz Abry para dirigir a escola de Altona (Itoupava-Sêca), começou os trabalhos em 13 de janeiro. Com rara competência e dedicação, dirigiu essa escola por 25 anos consecutivos, até 1936. Mudou-se, então para as imediações do Spitzkopf, onde pensava dedicar-se às lides agrícolas. Infelizmente, foi atacado de malária e, a conselho médico, resolveu ir passar um ano na Alemanha, onde esperava encontrar cura completa. Sobreveio, entretanto, a guerra e Max Humpl, com a esposa, não pôde regressar ao Brasil. Apesar de já bem adiantado em anos, era êle, entretanto, homem que não podia ficar inativo. Deram-lhe, então, o lugar de professor em sua aldeia natal, Heiligkreutz, até que foi jubilado em 1946. Deixando o magistério, nem assim permaneceu inativo. Entregou-se ao estudo do passado da sua terra e conseguiu deixar, em belos albuns por êle e pela espôsa ilustrados, uma crônica de Heiligkreuz que mereceu os mais altos encômios da imprensa e das autoridades locais.

O trabalho de Humpl durante os seus 25 anos de magistério em Itoupava-Sêca, foi notável. Já não falando como mestre, que o era dos mais ilustrados e competentes, Humpl, como dirigente do Clube de Cantores e como pesquisador da história altonense conquistou pôsto de destaque entre os que prestaram serviços à cultura intelectual o moral da nossa gente. Foram Max Humpl e Carlos Techentin os primeiros professôres a se dedicarem ao ensino do canto do hino nacional nas escolas particulares do município. Foi Humpl quem elaborou, e de forma magnífica, a «Crônica de Altôna», um estudo sôbre os fundadores e primeiros moradores do bairro de Itoupava-Sêca, obra que ficou célebre não apenas pela exatidão histórica das referências feitas a homens e fatos, mas, igualmente, pela maneira artística com que foi ilustrada por êle e por sua segunda espôsa, Dona Maria. Esta, tendo prestado exame na Diretoria de Educação regeu, juntamente com o espôso, a seção feminina da escola de Itoupava-Sêca. Era habil desenhista e decoradora. Humpl exerceu o magistério também no Colégio Santo Antonio, onde era regente do Côro.

Quando, em 1957, Humpl completou os seus 80 anos de existência, a sua terra natal prestou-lhe significativa homenagem, tendo, na oportuna oportunidade, o prefeito local colocado na lapela do aniversariante uma condecoração, em nome da Federação de

Cantores do Vale do Itajaí, de que Humpl fôra um dos fundadores e grande animador.

Humpl faleceu em sua terra natal, em 15 de abril de 1964, com a idade de 87 anos. Quando completara 85, também fôra alvo de expressiva e comovente homenagem dos seus conterrâneos e das sociedades de canto, tendo, então, o prefeito de Heiligkreuz, Franz Groebner oferecido ao aniversariante vários presentes e condecorações, referindo-se, de um modo especial ao seu trabalho como cronista local.

Incluindo-o na sua galeria de homens que prestaram relevantes serviços à nossa terra, "Blumenau em Cadernos", presta à memória de Max Humpl uma sincera e justa homenagem.



Antes da instalação do serviço de água potável em Blumenau em 1941, o tifo assumia, aqui, proporções alarmantes. Para se ter uma idéia da gravidade do caso, basta ler-se o que, já em março de 1891, escrevia o "Blumenauer-Zeitung": "Apesar do tifo estar grassando aqui há varias semanas, tendo feito uma centena de vítimas, não há perspectiva de melhoras. Alguns distritos, principalmente, têm pago sério tributo a essa moléstia. Contaram-nos que, no Encano, uma família em bem pouco tempo perdeu cinco pessoas. Do Caminho das Areias nos escrevem; Uma família tinha cinco filhos, dos quais um era retardado mental. Todos cinco tiveram tifo e quiz o destino que quatro morressem e só o retardado escapasse. Calcula-se que, desde o começo do ano já morreram, pelo menos 600 pessoas na Colônia",

— BLUMENAU EM CADERNOS —

Fundação e direção de J. Ferreira da Silva

Órgão destinado ao Estudo e Divulgação da História de Santa Catarina

— Assinaturas: por Tomo (12 números) Cr.\$ 1,000 —

Redação e Administração: Alameda Duque de Caxias, 64

Caixa Postal, 425 — BLUMENAU — Santa Catarina - Brasil

UM JORNAL POUCO CONHECIDO

Como se sabe, em abril de 1892, o Dr. José Bonifácio da Cunha, primeiro Superintendente Municipal de Blumenau, foi obrigado a renunciar em consequência dos acontecimentos que se seguiram á renúncia de Lauro Müller do Govêrno do Estado. A Junta Governativa que substituiu êsse governador, dissolveu as Intendências Municipais. Em Blumenau foram nomeados intendentes Fritz Müller, Guilherme Engelke, Adão Schmitt, José Joaquim Gomes, Augusto Germer e Francisco Lungershausen. Fritz Müller dias depois foi demitido e, em seu lugar, nomeado Guilherme Engelke.

Êsse Consêlho de Intendência governou Blumenau até janeiro de 1893, quando teve que entregar o poder aos republicanos, em memorável eleição.

Pois bem, quando aquela Intendência tomou o poder, ou foi nêle empossado à fôrça, havia em Blumenau um único jornal, o «Blumenauer Zeitung», que fôra fundado em 1881. Um outro, o «Immigrant», que fôra fundado em 1883, desaparecera em 1891.

E o «Blumenauer Zeitung» era apaixonadamente republicano, adversário ferrenho da nova Intendência. Esta, então, sob o fundamento de que não havia jornal para publicar o seu expediente, de vez que o «Blumenauer Zeitung» se havia negado a dar-lhe publicidade em suas colunas, resolveu fundar um. Assim, a 18 de junho de 1892 apareceu o primeiro número do «O Município», jornal que deve ter vivido até princípios de 1893, quando a Intendência que o criara deixou o poder. Pelo menos 32 números foram publicados.

Nenhum dos historiadores que escreveram sôbre o passado blumenauense, referiu-se a êsse jornal. E nós nunca tivemos oportunidade de ver-lhe um único exemplar, nem mesmo no antigo arquivo histórico da Prefeitura, destruído por um incêndio em 1958.

Mas é certo, pelas referências a êle feitas ao seu colega local, que o «O Município» foi publicado, pelo menos em 34 edições. Isso porque, ainda nas edições de janeiro do «Blumenauer Zeitung», ainda há alusões à aquêle semanário.

E' possível que, na Biblioteca Nacional, ou na do Estado, exista algum exemplar de «O Município», fato que iremos verificar.

E' igualmente plausível que a redação desse jornal tivesse estado sob a responsabilidade de Paulo Schwartzer, que era um dos próceres machadistas em Blumenau e que, naquele tempo, era o Chefe da Repartição de Terras e Colonização.

Ao que tudo indica, desaparecido «O Município» com a Câmara oposicionista, eleita em janeiro de 1893, os federalistas, partidários do Tenente Machado, publicaram em sua substituição o segundo «Immigrant», que viveu apenas até julho do mesmo ano.

Mas a promover e a prestigiar esse jornal havia ainda outros, como Elesbão Pinto da Luz, e outros empregados públicos, entre os quais não se pode deixar de incluir o promotor público Bela Cruz.

Ao que tudo indica, esse foi o primeiro jornal blumenauense redigido em português, pelo menos ao título, pois, por absoluta falta de documentação não poderemos afirmar se toda a matéria era redigida no vernáculo, ou neste e em alemão, o que é mais provável.

O segundo jornal em português, aparecido em Blumenau e do qual só foi publicado o primeiro número, foi a «Gazeta de Itajaí», publicado pelos republicanos em 1893. Depois, durante a guerra de 1914/1918, o «Blumenauer Zeitung» tendo sido proibido a circulação em alemão, passou a ser redigido em português, sob o título de «Gazeta Blumenauense».



Em fins de 1891, quando os pruridos revolucionários que explodiram nos dois anos seguintes, aqui por Blumenau se espalharam os mais descontraídos e estapa-fúrdios boatos. Assim, por exemplo, um jornal local escrevia: “Andam dizendo pela colônia que o dinheiro emitido pela República vai ser anulado e que as cédulas republicanas em breve perderão todo o valor pois a monarquia está prestes a ser restaurada e não reconhecerá a moeda republicana. Outros andam a propalar pela colônia que está em vésperas de estourar uma guerra entre brasileiros e alemães. Apesar de tolos, esses rumores causam alarme entre a população ingênua e prejuízos nas transações comerciais. É preciso acabar com eles”.

RESPEITEM OS BLUMENAUENSES

Como se repetiu em 1934, já em 1892 o eleitorado blumenauense, em eleição memorável, derrotou fragorosamente os candidatos governistas à Intendência Municipal, impostos pelo Tte. Manoel Joaquim Machado, governador do Estado. Os partidários dêste tiveram 69 votos, enquanto os da oposição obtiveram nada menos de 1.174.

Noticiando o fato, os jornais do Rio teceram loas à coragem e bravura dos blumenauenses.

Do jornal «Freie Presse», imprensa livre, que se publicava na capital do país, traduzimos êstes trechos:

“Respeitem os blumenauenses. São gente disposta. Podem servir de exemplo a todos os teutos-brasileiros e mesmo a todos os brasileiros.

“Como é sabido, o Estado de Santa Catarina se encontra numa situação muito difícil, desde que lhe foi impôsto pelo govêrno federal um governador contra a vontade do povo.

“ Os blumenauenses foram os que mais enèrgicamente repudiaram êssa imposição e puzeram-se abertamente em campanha contra ela, enquanto tiveram liberdade. Por fim, tiveram que sopitar o seu calor, mas a união continuou. Disso foi prova a eleição de que participaram para a constituição de sua nova Câmara.

No Brasil há um parágrafo que não foi escrito na constituição, mas que está em vigor e que diz: «Nas eleições, sempre vence o govêrno que estiver no poder».

“Mas em Blumenau, por ocasião das recentes eleições municipais, isso não se deu. Por 1174 votos contra uma ridícula minoria de 69, venceu a oposição.

“Naturalmente o govêrno do Estado, com o seu espantado Tenente à frente, vai declarar nulas as eleições, alegando um motivo qualquer. Mas sem probabilidades de sucesso.

“E’ de se notar que tôda a imprensa do Rio está a favor de Blumenau.

“Honra aos blumenauenses! Eles deram a todo o grande Brasil um brilhante exemplo de energia e decisão!”

Realmente aconteceu o previsto. O Tte. Machado mandou anular as eleições e proceder a novas. Nestas, entretanto, a “surra” no govêrno foi nas mesmas proporções. Não houve remédio senão entregar mesmo a Câmara aos opocionistas.

Companhia Comercial SCHRADER

RUA 15 DE NOVEMBRO, 117

CAIXA POSTAL, 4 — End. Telegráfico : «CIASCHRADER»

BLUMENAU - SANTA CATARINA



107 Anos de tradição no Comércio de Santa Catarina



MOBILOIL

MERCEDES-BENZ

DUNLOP



NOVA E MODERNA OFICINA MECÂNICA E SECÇÃO DE
PEÇAS «MERCEDES-BENS» — RUA ITAJAÍ, 625



GRUPO «BOAVISTA» DE SEGUROS

SANTA CRUZ - Cia. de Seguros Gerais



COMPANHIA

CATARINENSE

DE

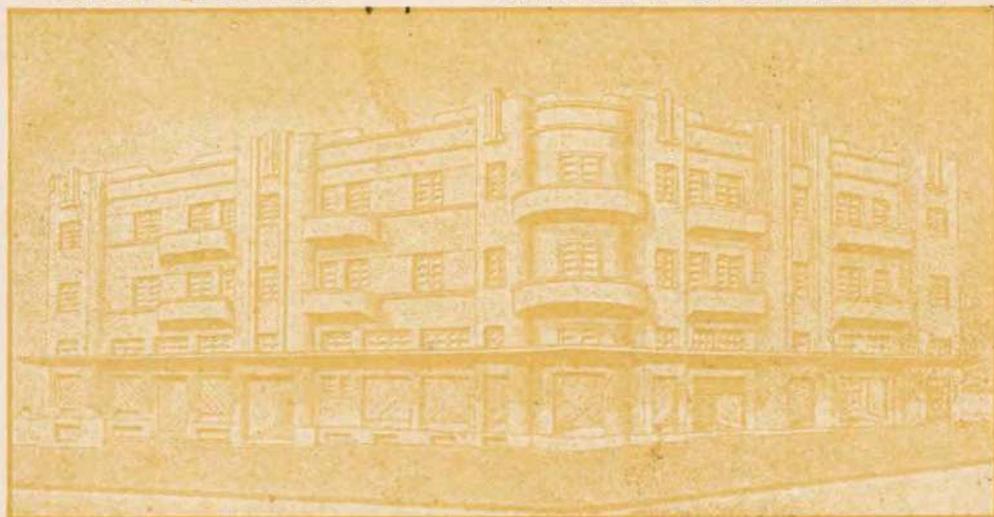
SEGUROS



GERAIS

RUA MARECHAL FLORIANO PEIXOTO, 18 - 1º. Andar
CAIXA POSTAL, 184 — TELEGRAMAS: «MÚTUA»

BLUMENAU — SANTA CATARINA



**A mais antiga Seguradora
Catarinense**

FUNDADA EM 1938